O “MARAVILHOSO” NO *LIVRO DE LINHAGENS DO CONDE D. PEDRO*: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Aline Dias da Silveira

RESUMO

Numa passagem do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, encontra-se a narração do encontro de D. Diego Lopes com uma mulher misteriosa, uma entidade feérica conhecida pelo nome de Dama Pé-de-Cabra. Ambos estabelecem um pacto e se unem, vindo a constituir a família Haro. A partir do exame da narrativa, são apresentadas possibilidades de análise simbólica e estrutural do significado do pacto feérico na Idade Média bem como alternativas de análise conjuntural levando em conta a situação da nobreza ibérica no princípio do século XIV.

Encontrei-me pela primeira vez com um texto que fazia alusão à Dama Pé-de-Cabra quando participava da equipe de pesquisadores que desenvolvia o projeto *Fontes para a pesquisa de História Medieval em Porto Alegre* - coordenado pelo prof. José Rivair Macedo¹. Já conhecia o *Roman de Mélusine*² e fiquei impressionada com a semelhança entre as narrativas desses entes feéricos femininos. No entanto, ao ler o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro de Barcelos*, foi possível perceber, na narrativa relativa a D. Diego Lopes de Haro e a Dama Pé-de-Cabra, a existência de uma função que articulava toda a obra, algo que, de certa forma, a diferenciava do *Romance de Melusina*, escrito em ambiente francês. Algo me levava a crer na especificidade dos relatos relativos às famílias nobres ibéricas, assim como na especificidade de sua constituição e de seus projetos sociais.

Aline Dias da Silveira é Mestre pelo PPG em História – UFRGS.

O presente artigo é uma síntese da Dissertação de Mestrado “A Dama Pé-de-Cabra: o pacto feérico na Idade Média ibérica”, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. José Rivair Macedo, apresentada no PPG de História – UFRGS no dia 07/02/2002.

O LIVRO DE LINHAGENS

O *Livro de Linhagens* não chega a ser uma obra de caráter “maravilhoso”. Pelo contrário, pretende apresentar a origem das famílias fidalgas. Além disso, seu autor afiança que teve que consultar muitos documentos para compô-lo: “*porém eu, comde Dom Pedro, filho do muy nobre Rey Dom Denis, ouve de catar por gram trabalho por muitas terras escripturas que fallavam dos linhagees.*”³. Com tais palavras, o conde de Barcelos demonstra sua preocupação em legitimar sua obra através de “*escripturas*”, numa sociedade que não é pautada pela escrita, na qual mesmo os nobres eram analfabetos em sua maioria e somente alguns clérigos ou poetas providos da alta nobreza teriam acesso às letras.

No entanto, a narrativa do *Livro de Linhagens* está repleta de elementos míticos e lendários, comportando temas que pertencem tanto ao repertório da mitologia clássica (Príamo de Tróia e Enéias), como ao da lenda arturiana, passando pelo mundo feérico medieval da *Dama Pé-de-Cabra* e de *Dona Marinha*⁴.

A expressão “maravilhoso”, aqui utilizada, tem o objetivo de designar os elementos do imaginário medieval de uma matriz folclórica, aspecto desenvolvido por Jacques Le Goff⁵ no ensaio o *Maravilhoso no ocidente Medieval*. Ela tem origem na palavra latina *Mirabilia*, plural de *mirabilis*, que expressava o universo de acontecimentos e de seres admiráveis, espantosos. Le Goff distingue *mirabilia* de duas outras palavras que constituíam o sobrenatural medieval: *magicus*, ligado ao feito mágico bom ou mau, e *miraculum*, que se referia ao milagre cristão.

O problema que proponho é o seguinte: como seria possível trabalhar a narrativa de fundo “maravilhoso” do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* como fonte histórica para entender a sociedade ibérica medieval? Pretendo apontar algumas alternativas para esta questão.

Em Portugal, conhecemos quatro *Livros de Linhagens* escritos durante a Idade Média, nos quais se descreve a genealogia das principais famílias nobres do Reino ou da Península Ibérica. O primeiro é também chamado *Livro Velho* e está integralmente preservado, assim como o quarto livro, o *Nobiliário do Conde D. Pedro de Barcelos*. Dos restantes chegaram até nós apenas fragmentos: o *Segundo de Linhagens* ou *Segundo Livro Velho*, e *Terceiro Livro de Linhagens* ou *Nobiliário de Ajuda*. Os *Livros de Linhagens* foram publicados no século XIX por Alexandre Herculano nos *Portugaliae Monumenta Histórica*. A publicação de José Mattoso, que mantém o mesmo título, é mais que uma reedição

do trabalho de Herculano. É a reorganização crítica dos livros, de modo a facilitar posteriores estudos.

É difícil precisar a data em que os *Livros* foram escritos. José Mattoso, organizador da publicação mais recente dos *Livros de Linhagens* (1980), com a ajuda de filólogos e estudos anteriores, aproximou-se de algumas datas: o *Livro Velho* teria sido escrito entre 1282 e 1290; após 1290 até 1337, o segundo e o terceiro livro; o *Livro de Linhagens do Conde de Barcelos* teria sido escrito na década de 1340 com duas refundições posteriores - entre 1361 e 1364, 1380 e 1383. Segundo José Mattoso⁶, nessa última refundição acredita-se que foram incorporadas frases e expressões recortadas dos livros de cavalaria, como o *Amadis de Gaula*.

O livro do Conde D. Pedro de Barcelos, filho bastardo do rei D. Dinis, é o mais desenvolvido, apresentando forma narrativa diferente da listagem genealógica dos livros anteriores. Outra diferença é a pretensão expressa nos prólogos, enquanto o *Livro Velho* pretende contar “os linhagens dos bons homens filhos d’algo do reino de Portugal” (p.23), o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* tem como objeto central “os nobres fidalgos da Espanha” (p.55), o que demonstra uma outra visão de espaço e de relações entre os reinos da Península, mais claramente, uma identificação dos nobres Ibéricos como pertencentes a *Hispania*, evocando a antiga “*Dioecesis Hispaniarum*” do tempo do Império Romano⁷.

Em sua época, os *Livros de Linhagens* pretendiam-se documentos históricos, instrumentos de reconhecimento das famílias e não uma obra para o deleite, como o eram os romances de cavalaria. Apesar da função distinta, a linguagem entre as obras são muito próximas: em ambas, percebe-se um universo de imagens proveniente da tradição oral em que abundam elementos míticos. Estes elementos também estiveram presentes em outras narrativas da Europa medieval desde o século XI, época em que a matéria oral de antigas tradições míticas emerge na literatura profana, com significados e funções associados ao contexto em que foram literalizados. Tais temas, em boa parte, oferecem pouca ou nenhuma referência ao universo cristão, optando pela matéria antiga em que pululam fadas, gigantes e animais mágicos.

O cuidado que se precisa ter com a narrativa de fundo mítico e elementos *maravilhosos* passa pela questão: até que ponto o mítico articula-se com a realidade histórica da obra? No caso do *Livro de Linhagens* do Conde de Barcelos, que se propõe a ter uma função social, a utilização de elementos míticos ou folclóricos não se dá ao acaso. Esses elementos pré-existentes são trabalhados e reelaborados de acordo com a proposta da obra,

e a escolha deles também obedece a um propósito, pois só podem ser reconhecidos por sociedades que conseguem perceber neles seu reflexo ou suas idealizações. Nesse sentido, o imaginário poderia nos revelar algo sobre a sociedade ibérica medieval. Assim, o que chamamos de material “folclórico” poderia servir de fonte para o estudo histórico.

No prólogo do *Livro de Linhagens*, o Conde D. Pedro explicita a intenção de sua obra. Nessa parte introdutória, percebe-se o grande valor da solidariedade entre a nobreza e a importância do parentesco, o que nos dá a impressão da fusão de valores entre o compromisso pessoal, típico das relações senhoriais, e a ligação natural do parentesco, no caso, ordenada por Deus:

E veemdo as escripturas com grande estudo e em como falavam d'outros grandes feitos compuge este livro por gaanhar o seu amor e por meter amor e amizade antre os nobres fidallgos da Espanha, e como quer que antre elles deve aver amizade, segundo seu ordi-namento antiigo, em damdo-se fé pera sse nom fazerem mall uuns aos outros, ameos de torvarem a este amor e amizade per desfia-rem-sse.(...) que sse homees ouvessem antre ssy amizade verdadei-ra, nom averia mester reys nem justiças, ca amizade os faria viver seguramente e no serviço de Deus⁸.

Quando reúne as diversas histórias das famílias da “Espanha”, o conde de Barcelos apresenta não só uma proposta, mas um projeto, o qual é bem definido desde o princípio de sua obra: fazer com que a nobreza reconheça-se enquanto grupo de grandes feitos e honra e que se estabeleça laços de solidariedade a partir do parentesco, para que não haja a necessidade de um poder centralizado. Assim, as narrativas do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* são apresentadas de forma coerente com as pretensões do autor. A narrativa da Dama Pé-de-Cabra, tal qual ali aparece, explica a origem de uma importante casa senhorial ibérica: a família dos Haro. Por meio deste caso, é possível perceber a articulação da narrativa com o projeto do conde de Barcelos acima referido.

A DAMA PÉ-DE-CABRA

A história contada por D. Pedro diz que D. Diego Lopes de Haro estava em sua armada quando ouviu o cantar de uma mulher muito bonita, enamorou-se logo dela e perguntou-lhe quem era. Ela lhe respondeu que

era uma mulher de alta linhagem. Ele disse que era dono de todas aquelas terras e se casaria com ela se assim quisesse. A Dama aceitou o pedido com a condição de que ele nunca se persignasse. “*E esta dona era mui fremosa e mui bem feita em todo seu corpo, salvando que havia uu pee de cabra*”. Viveram muito tempo juntos e tiveram dois filhos: um menino de nome Enheguez Guerra e uma menina chamada “*dona*”. Um dia D. Diego saiu para caçar e trouxe para sua casa um grande porco para comer junto com sua família. Ao lançar um osso no chão, viu pelejar a cachorrinha que pertencia à Dama e seu cão de caça, de maneira que a cadela matou o cão. Surpreso, D. Diego “*synousse e disse “samta Maria vall, quem vio numca tall cousa*”. Quando a dama viu o marido persignar-se, pegou os dois filhos e recuou pela fresta do palácio, mas D. Diego puxou o menino e não o deixou partir. Mãe e filha se foram para as montanhas e não mais foram vistas. A não ser depois de muito tempo, quando, estando D. Diego preso por mouros em Toledo, seu filho procurou a mãe para pedir-lhe ajuda. A dama deu-lhe o cavalo mágico chamado *Pardallo*, que o levou até seu pai e possibilitou sua fuga⁹.

A narrativa da Dama Pé-de-Cabra apresenta elementos comuns a outros contos difundidos em toda a Europa medieval. Para Claude Lecouteux¹⁰, todas as narrativas desses encontros feéricos tem uma mesma estrutura: 1) um ser sobrenatural propõe a um mortal seu amor e prosperidade com a condição que esse respeite um interdito; 2) o ser humano transgredir o interdito e descobrir a natureza sobrenatural de seu cônjuge; 3) o ser sobrenatural desaparece, porém volta para rever seus filhos. Em outro trabalho de sua autoria¹¹, o mesmo autor emprega a estrutura dos contos maravilhosos proposta por Vladimir Propp¹² para analisar os contos melusínianos, em cuja estrutura interna compareceriam nove itens: 1) o herói se afasta de sua casa; 2) ele encontra um ser sobrenatural; 3) esse ser lhe promete seu amor por uma condição que o herói jura respeitar; 4) o herói receberia um dom por respeitar o acordo; 5) do contrário, ele deveria separar-se do ser sobrenatural; 6) um antagonista entra em cena; 7) sob sua influência, a interdição imposta pelo ser sobrenatural é transgredida; 8) a perda do dom é o primeiro sinal da ruptura das relações existentes; 9) o ser desaparece para sempre.

A narrativa da Dama Pé-de-Cabra possui grande parte das características citadas acima, mantendo as especificidades da circunstância histórica ibérica e de elementos folclóricos locais. D. Diego representa as poderosas famílias da Espanha que possuíam representantes nas grandes casas monárquicas, cuja principal honra a destacar é a vitória em suas batalhas, como deixa claro o conde de Barcelos ao escrever sobre seus

objetivos de lembrar os grandes feitos das famílias da Espanha. A Dama Pé-de-Cabra concede a D. Diego amizade, confiança e o filho, Enhegues Guerra; ao filho ela oferece a vitória sobre todas as guerras. Isto representa a identificação da nobreza ibérica com a Reconquista da Península, ocorrida no passado. Mesmo a Biscaia não tendo sido um território dominado, a família Lopes Haro desempenhou importante papel na guerra contra os muçulmanos¹³.

Quanto à matriz mítica, existiu na Península Ibérica uma deusa céltica chamada *Ategina*, cujos ex-votos eram representados em forma de cabra. Os sítios nos quais foram encontradas inscrições de seus epítetos e ex-votos situam-se em diferentes pontos da Península, inclusive na Biscaia. *Ategina* pode estar por “*Ate – gina*”, palavra que significa “renascida”¹⁴. Dessa maneira, poderia ser explicado o fato de o nome da deusa estar associado ao de Proserpina - deusa que desce ao reino dos mortos em seu casamento com Plutão e retorna para sua mãe, Ceres, na Primavera. Ao seguir essa relação, *Ategina* também receberia o atributo da fertilidade dos campos. Porém, seus ex-votos em forma de cabra parecem indicar um outro atributo: o pastoril. O que seria lógico para a região da Biscaia, local em que o terreno acidentado e montanhoso propicia o pastoreio.

As etapas apresentadas por Lecouteux podem ser observadas na estrutura narrativa do conto relativo à Dama Pé-de-Cabra, mas os elementos específicos da estória foram forjados pela dinâmica histórica em que a narrativa se insere. Em geral, quando uma sociedade apresenta versões de uma narrativa de raiz mítica, os elementos de sua estrutura costumam conter algo que lhe diga respeito. Assim, os elementos mais específicos e dinâmicos podem ser sinais, códigos, sintomas de um universo simbólico construído a partir das relações dos indivíduos com a sociedade.

Lecouteux¹⁵ concorda com as proposições de Le Goff quando esse afirma que, na França, as fadas progenitoras seriam a encarnação simbólica e mágica da ambição social dos *milites*¹⁶, e acrescenta que seria mais honroso ter uma fada na raiz da árvore genealógica que um nobre desconhecido. Porém, até que ponto podemos identificar na sociedade portuguesa medieval os mesmos elementos da sociedade francesa? Penso que seria imprudente “encaixar” as relações sociais e circunstâncias históricas de uma sociedade em outra sem atentar para as diferenças de cada uma. Por isso, torna-se necessário levar em consideração as peculiaridades do contexto português, sem perder de vista o contexto medieval de um modo geral.

PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Por esse caminho, proponho duas possibilidades de análise dos elementos da narrativa maravilhosa aqui examinados: uma mais geral e comparativa das estruturas simbólicas e do contexto medieval, e outra mais específica e aprofundada das relações sociopolíticas entre a nobreza portuguesa. É necessário entender qual a função dos *Livros de Linhagens do Conde D. Pedro*. Um caminho possível é a relação entre o específico e o geral, a obra e o contexto. A Dama Pé-de-Cabra e as demais narrativas maravilhosas devem ser percebidas como parte de uma obra, tendo-se em vista a função própria daquela obra dentro das relações sociais de sua época e espaço.

Na Península Ibérica, parte do poder real baseava-se no respeito que o rei deveria ter em relação aos seus compromissos com a nobreza e em seu carisma na luta pela Reconquista. Assim, os infanções, ricos-homens e cavaleiros-vilões que o seguiam lutavam pela Cristandade e por seu pacto com o rei (mais intimamente, pela promessa de espólio), não necessariamente pelo reino. O sentimento de nação portuguesa ainda não havia sido construído, de maneira que este poder pessoal do rei não conseguia ou não podia impedir a construção de uma identidade entre o estamento nobre - alicerçada por 'laços' de solidariedade, como diria Mattoso¹⁷.

Esses laços desenvolvem-se diante da necessidade de proteção mútua da nobreza, que se identifica como tal e necessita assegurar seu poder num Estado não-solidificado. Tais laços são os do parentesco e os da vassalagem, sendo que ambos poderiam se estabelecer por matrimônio: "*este por sua vez, inspira regras preferenciais ou prescritivas destinadas a assegurar o equilíbrio social e a estabilidade das relações, a regular as estratégias de reprodução ou de acumulação patrimonial e simbólica*"¹⁸. Nas regras matrimoniais, é adotada uma estrutura linhagística e vertical, imitando o modelo sucessório monárquico, inferiorizando os filhos segundos. As mulheres tinham sua "utilidade" nesse sistema selando, através do matrimônio, as alianças entre famílias, principalmente com aquelas de que se esperava algum serviço.

A Dama Pé-de-Cabra identifica-se como uma mulher de "*alto linhagem*", e logo depois D. Diego lhe propõe matrimônio. Essa passagem representa uma situação comum na disposição de laços matrimoniais entre a nobreza portuguesa, na qual buscava-se cônjuges de alta posição. A negação de D. Diego ao habito cristão é uma condição de sacrifício tributário à Dama, mas também demonstra sua ambigüidade, com

a qual primeiro trai a fé cristã depois do acordo feito com a Dama. O não cumprimento do compromisso tem valor muito negativo numa sociedade em que os vínculos sociais precisam preencher o espaço deixado pela falta da presença estatal e da identidade como nação.

No *Livro de Linhagens*, o exemplo de casas senhoriais da Península que enfrentavam o poder real tornava-se um estímulo para que se fizesse cumprir os compromissos, pois o “espírito” nobre estava no cumprimento dos deveres de fidelidade ou, se necessário, na defesa da honra contra quem quer que fosse - mesmo contra o próprio rei¹⁹. Nesse sentido, o exemplo da Casa de Haro era louvável, principalmente na figura de Diego Lopes de Haro (homônimo do D. Diego mítico), que venceu o rei Afonso VIII de Castela na batalha de Estella e, anos depois, a serviço deste mesmo rei, lutou na batalha de Navas de Tolosa, em 1212²⁰. A história e os mitos da Biscaia caminham para a explicação da não-submissão de seus senhores em relação à Castela. Mesmo na qualidade de vassallos do rei os membros desta família colocavam-se como iguais ao monarca em honra e em compromisso.

CONCLUSÃO

A união do antepassado mítico dos Haro com a dama-fada da Biscaia é o ponto de convergência de várias esferas: nela está representada a fusão dos laços de vassalagem e de parentesco por meio do matrimônio; a autonomia das casas senhoriais em relação à monarquia feudal; as prerrogativas da nobreza medieval de honra e fidelidade. Principalmente, na narrativa da Dama Pé-de-Cabra, convergem a estrutura dos contos maravilhosos com o projeto do conde D. Pedro de Barcelos.

A intencionalidade do conde, explicitada em seu prólogo, facilita a identificação dessas relações. Assim, através da perspectiva de análise que reúne os dados do contexto com as circunstâncias específicas da narrativa textual, é possível compreender e interpretar a incidência do maravilhoso no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Trata-se de interessante testemunho histórico, uma vez que toda obra humana não pode estar dissociada da realidade social na qual foi produzida.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Tratou-se de um levantamento das fontes primárias impressas localizadas no acervo de bibliotecas universitárias da Grande Porto Alegre. A listagem de

- fontes veio a ser publicada em MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *Fontes Primárias da Idade Média - Séculos V-XV*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Medievais / Editora IBÍS, 1999, vol. 2, p. 7-136.
2. É uma obra francesa do século XIV, escrita por João D'Arras, que conta a história da fada Melusina, seu casamento com Raimundo e as aventuras de seus filhos. Ver JEAN D'ARRAS. *Melusina o la noble historia de Lusignan*. Trad. Madrid: Ed. Siruela, 1982. As implicações sociais do tema melusiniense vieram a ser examinados pela primeira vez por LE GOFF, Jacques. "Melusina Maternal e Arroteadora". In: *IDEM. Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980, p. 289-315.
 3. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Ed. Crítica de José Mattoso et. al. (Portugaliae Monumenta Historica). Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1980, v.1, p. 55.
 4. Um ente feérico feminino, vindo do mar, que se uniu ao Fidalgo D. Froiam, dando origem à família Marinho. Para esta entidade marinha, ver BRESC, Henri. "Mar". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa oficial, 2002, vol. 2, p. 102.
 5. LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval* (Lugar da História). Lisboa: Edições 70, 1985, p. 24.
 6. Introdução do *Livro de Linhagem do Conde D. Pedro*, vol. 1, p. 48.
 7. MATTOSO, José. "A nobreza medieval portuguesa no contexto peninsular". In: *IDEM. Naquele Tempo: ensaios de história medieval* (Obras completas, n. 1). Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 319.
 8. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, v.1, p. 55-58: "E vendo as escrituras com grande estudo em como falavam de outros grandes feitos compus este Livro para ganhar o seu amor e para colocar amor e amizade entre os nobres fidalgos da Espanha, e como quer que entre eles deve haver amizade, segundo seu ordenamento antigo, em esperança que não façam mal uns aos outros, de maneira que estraguem este amor e amizade por desconfiança (...) se homens tivessem entre si amizade verdadeira, não haveria necessidade de reis, nem de justiça, pois a amizade os faria viver seguramente e no serviço de Deus".
 9. Adaptação do texto encontrado no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, v. 2, 1ª parte, p. 138-140 (9 A1 - 9 A5).
 10. LECOUTEUX, Claude. *Mélusine et le chevalier au Cygne*. Paris: Éd. Imago, 1986, p. 8.
 11. LECOUTEUX, Claude. "La structure des légendes melusiniennes". *Annales ESC*, 33-2, 1978, p. 294-306.
 12. PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. Trad. Paris: Ed. Gallimard, 1970.
 13. Para a história dos Haro, ver SANCHES-PAGÍN, José Maria Canal. "La casa de Haro en Leon y Castilla durante el siglo XII". *Anuário de Estudios Medievales* (Barcelona), n. 25, 1995, p. 3-38.

14. VASCONCELOS, José Leite de. *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional, s.d, vol. 2, p. 163.
15. LECOUTEUX, Claude. "La structure...". *Art. Cit.*, p. 304
16. *Milites* é o nome empregado para designar a pequena nobreza cavaleiresca na França. Ver CARDINI, Franco. "Guerra e Cruzada". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa oficial, 2002, vol. 1, p. 477-478.
17. MATTOSO, José. "A sociedade feudal e senhorial". In: *IDEM. História de Portugal*. Lisboa: Ed. Estampa, 1996, vol. 2, p. 189.
18. *IDEM*, p. 189.
19. MATTOSO, José. "A nobreza...". *Art. cit.*, p. 339.
20. SANCHES-PAGÍN, José Maria Canal. "La casa de Haro...", *Art. cit.*, p. 29.